

# REFLEXÕES SOBRE A PROPOSTA COGNITIVA PARA OS ESTUDOS DA SIGNIFICAÇÃO LINGUÍSTICA

Eliane Santos Leite da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Pretende-se, através do presente texto, apresentar reflexões de cunho teórico a respeito das possibilidades de aplicação da teoria cognitiva, no âmbito da Semântica Cognitiva, na abordagem de fenômenos linguísticos. A perspectiva teórica adotada fundamentou-se nos contributos dos considerados fundadores da Semântica Cognitiva, a saber Lakoff e Johnson (1980, 1987, 1999), além de outros estudiosos, que têm ampliado a discussão, e oferecido outras perspectivas. Pressupondo o ser humano e suas produções comunicativas de forma mais holística, a presente corrente teórica, que aqui será esboçada, pretende ampliar o escopo de formas possíveis de abordar os fenômenos conceptuais, considerando como prementes elementos tais como cultura, experiência, língua e contextualização.

**Palavras-chave:** Semântica Cognitiva, Significação, Conceptualização.

## INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

Os estudos cognitivistas surgem em meados do século XX, a partir de questionamentos no seio de teorias linguísticas formalistas, de cunho gerativo, que centravam sua proposta na análise das estruturas sintáticas, dando pouca atenção aos fatos semânticos. Já na década de 70, no âmbito da chamada “primeira geração” dos estudos em LC, emerge uma proposta de investigação preocupada com o significado e com o funcionamento da linguagem para que, através dos processos de significação, compreendam-se mais profundamente as estruturas mentais. Em tal ambiência de contestação, teóricos, ainda, gerativistas propõem a então chamada *Semântica Gerativa* que, porém, não contou com maiores desenvolvimentos.

A ênfase no interesse pela inclusão da semântica nos estudos cognitivos tomou corpo através da criação da LC, cujos pesquisadores passam a ser considerados como dissidentes do então programa gerativo chomskiano. Nesse sentido, o novo modelo teórico da chamada “primeira geração” dos cognitivistas concentrava-se em temas como

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras, pela Universidade Federal da Bahia-UFBA, Docente do IFBaiano. [elienesleite1@hotmail.com](mailto:elienesleite1@hotmail.com).

<sup>2</sup> O presente texto foi publicado em uma primeira versão, em 2017, como parte da Tese de Doutorado da autora.

a inteligência artificial, a psicologia da informação, a lógica formal, a antropologia cognitiva, dentre outros, além de considerar a mente como um computador, focalizando as pesquisas no aspecto formal da linguagem.

É somente a partir da década de 80 que os estudos cognitivistas correspondentes à chamada “segunda geração” irão assumir o interesse em abordar mais de perto o significado, defendendo uma forte dependência entre os conceitos de razão e de corpo. Com essa nova abordagem, entende-se o significado enquanto flexível (adaptável às mudanças do mundo), perspectivista (não reflete o mundo objetivamente) e enciclopédico (intimamente relacionado ao conhecimento de mundo dos falantes) (SILVA, 1997); nesse sentido, pressupõe-se o reconhecimento das formulações individuais sobre a realidade, como sendo partilhadas na comunidade a que se pertença.

Assim, a LC, mesmo sendo *cognitivista*, não apresentou o forte cunho *mentalista-cerebral* como proposto pela Linguística Gerativa, mas buscou associar os fenômenos de conceptualização (portanto, mentais) às experiências corpóreas (experienciais) e histórico-culturais dos sujeitos conceptualizadores. A esse respeito, citamos Lakoff (2012 [1990]), ao explicitar sua opção por uma modalidade de estudos cognitivistas que assumissem outros compromissos metodológicos e epistemológicos:

Para mim, a linguística cognitiva se define por dois compromissos primários, que chamarei de Compromisso de Generalização e Compromisso Cognitivo. O compromisso de generalização é o compromisso de se caracterizarem os princípios gerais que regem todos os aspectos da linguagem humana. Vejo-o como o compromisso de se tratar a linguística como um empreendimento científico, que busca princípios gerais. Já o compromisso cognitivo é aquele que torna as explicações sobre a linguagem humana consistentes com o que já foi descoberto a respeito da mente e do cérebro, tanto em outras disciplinas como na nossa [...]. O compromisso cognitivo não isola a linguística dos estudos da mente e considera com atenção os vários outros dados referentes a ela. Nenhum desses compromissos impõe uma forma particular de resposta. Assim, constituem compromissos metodológicos, e não compromissos teóricos. (LAKOFF, 2012 [1990], p.8; 15).

Nesse contexto é que a ênfase nas reflexões sobre o significado justificou o surgimento da SC. Tal orientação teórica diferiu da perspectiva gerativa, no que diz respeito, por exemplo, à visão da mente enquanto modular, passando a ser entendida como sendo corporificada, na qual inexistem módulos mentais estanques na construção do conhecimento, especialmente, o linguístico, em que a mente faz um movimento de

construção mediante a interação com as experiências corporais, o que envolve sensações, emoções e percepções, e as experiências sociais, o que ativa a capacidade de estabelecer projeções em domínios cognitivos diferentes.

Uma consequência dessa perspectiva é o entendimento das conceptualizações enquanto geradas pela interação humana no mundo através do corpo. Assim, por exemplo, conceitos de profundidade e altitude advêm das respectivas percepções experimentadas mediante noções de verticalidade e equilíbrio proporcionadas pelo corpo humano. Tais conceitos, por sua vez, são manifestos linguisticamente em elaborações (as chamadas *expressões metafóricas*) como *estou no fundo do poço*, que apontam para metáforas conceptuais como “MAU É PARA BAIXO” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.63). Essas relações entre espaço e proposição metafórica fornecem uma amostragem de que a metáfora não é mais entendida, sob essa perspectiva teórica, como um ornamento da linguagem, mas corresponde ao modo como o ser humano conceptualiza suas experiências, por meio de *modelos cognitivos idealizados*, em interação com o mundo e o seu corpo.

## **A SEMÂNTICA COGNITIVA E SEUS PRINCIPAIS PRESSUPOSTOS TEÓRICO-FILOSÓFICOS**

Os pressupostos filosóficos da SC foram reforçados por Lakoff e Johnson (1999), na obra *Philosophy in the flesh*, em que os autores propõem que a mente é corporificada e partícipe do processo de elaboração do conhecimento, através dos processos cognitivos: “a mente é corporificada; o pensamento é inconsciente (imaginativo); conceitos abstratos são grandemente metafóricos” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.14)<sup>3</sup>. Tal proposta, nesse sentido, refuta o que se defendeu, durante séculos, na tradição filosófica ocidental, a respeito da razão objetivista. Assim, a então chamada filosofia do *experientialismo* ou *realismo corpóreo* concebe mente / corpo enquanto intrinsecamente dependentes no estabelecimento dos significados, defendendo que:

a razão não é descorporificada, como a tradição largamente ensinou, mas surge da natureza de nossos cérebros, corpos, e experiência corporal [...]. Os mesmos mecanismos neurais e cognitivos que usamos para perceber

---

<sup>3</sup> Tradução nossa do original: “The mind is inherently embodied. Thought is mostly unconscious. Abstract concepts are largely metaphorical”.

e nos mover ao redor também usamos para criar nosso sistema conceptual e modos da razão. Desse modo, para entender razão nós precisamos entender os detalhes de nosso sistema visual, nosso sistema motor e os mecanismos gerais que envolvem os neurônios. Em suma, razão não é, de modo nenhum, um aspecto transcendente do universo ou da mente descorporificada. Ao contrário, é formada crucialmente por peculiaridades de nosso corpo humano, para remarcar detalhes da estrutura neural de nossos cérebros, e das especificidades de todas as nossas funções no mundo<sup>4</sup>. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.14-15).

Tal abordagem cognitivista advoga pela relação do ser humano com sua experiência física e social, mediada por seu corpo. Uma implicação dessa perspectiva é que não mais se pensa na língua predominantemente enquanto instrumento de comunicação, mas também como atividade social, que envolve não somente os elementos linguisticamente previsíveis, como também os cognitivos (visto que a mente é corporificada) e os sociais (mediante a necessidade de estabelecer interação com o mundo e com o outro) na construção do conhecimento, não como um sistema fechado em si mesmo, mas como processos eminentemente sociais. Sob essa perspectiva, enquanto área de investigação, a SC é, por natureza, heterogênea, enfocando a interdisciplinaridade, ao buscar dialogar com outras áreas do conhecimento, como a Psicolinguística, a Antropologia, as Neurociências, a História, dentre outras.

A fim de abordar alguns dos principais pressupostos da SC, recorreremos às contribuições de Evans e Green (2006, p.157), ao sistematizarem alguns pontos como os mais relevantes, a saber, que: “(1) A estrutura conceptual é corporificada; (2) A estrutura semântica é a estrutura conceptual; (3) A representação do conhecimento é enciclopédica; (4) A construção do conhecimento é a conceptualização”<sup>5</sup>.

Os autores tratam da natureza corporificada da estrutura conceptual a partir das experiências do corpo humano: “[...] uma tentativa de explicar a natureza da organização conceptual com base na interação com o mundo físico é a *tese da cognição*

---

<sup>4</sup> Tradução nossa do original: “Reason is not disembodied, as the tradition has largely held, but arises from the nature of our brains, bodies, and bodily experience [...]. The same neural and cognitive mechanisms that allow us to perceive and move around also create our conceptual systems and modes of reason. Thus, to understand reason we must understand the details of our visual system, our motor system, and the general mechanisms of neural binding. In summary, reason is not, in any way, a transcendent feature of the universe or of disembodied mind. Instead, it is shaped crucially by the peculiarities of our human bodies, by the remarkable details of the neural structure of our brains, and by the specifics of our everyday functioning in the world”.

<sup>5</sup> Tradução nossa do original: “(1) Conceptual structure is embodied (the ‘embodied cognition thesis’); (2) Semantic structure is conceptual structure; (3) Meaning representation is encyclopedic; (4) Meaning construction is conceptualization”.

*corporificada*”<sup>6</sup> (EVANS; GREEN, 2006, p.157. Grifo dos autores). Sumariando a importância das projeções entre domínios para o estabelecimento da estrutura conceptual, os autores propõem que:

A ideia por trás da projeção metafórica é que o conhecimento é estruturado pela experiência corporal dado por conceitos concretos como o esquema de imagem do RECIPIENTE, que por seu turno serve para estruturar domínios conceptuais mais abstratos como ESTADOS. Neste sentido, a estrutura conceptual é corporificada<sup>7</sup>. (EVANS; GREEN, 2006, p.158).

Observa-se, no entanto, que as projeções entre domínios nem sempre ocorrem de um domínio concreto para um domínio abstrato, como originalmente defendiam Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Estudos recentes, como os de Almeida (2014) e Silva e Almeida (2014), têm apontado para uma direcionalidade múltipla, no que tange ao movimento das projeções, seja partindo de domínios concretos para abstratos, seja de concretos para concretos, ou ainda de abstratos para abstratos. A este respeito, assim se posicionam Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012, p.25): “Algumas metáforas põem em contato dois domínios complexos e bastante estruturados, como ocorre com o amor e as viagens, ou as discussões e as guerras [...]; outras projeções utilizam domínios mais simples”<sup>8</sup>. O próprio Lakoff (1993) já se posicionou de modo diferente sobre a múltipla (e não mais unidirecional) projeção entre os domínios, propondo que existem correspondências nas projeções interdomínios, de modo a preservar a estrutura dos esquemas evocados em determinadas elaborações metafóricas e que, desse modo, organizam novas estruturas conceptuais.

A respeito do segundo ponto, atinente à estrutura semântica, Evans e Green (2006, p.158) postulam que “este princípio afirma que a língua refere-se a conceitos na mente do falante mais do que a objetos no mundo exterior”, de modo que “a estrutura conceptual

---

<sup>6</sup>Tradução nossa do original: “[...] an attempt to explain the nature of conceptual organization on the basis of interaction with the physical world is the *embodied cognition thesis*”.

<sup>7</sup>Tradução nossa do original: “The idea behind metaphorical projection is that meaningful structure from bodily experience gives rise to concrete concepts like the CONTAINER image schema, which in turn serves to structure more abstract conceptual domains like STATES”.

<sup>8</sup>Tradução nossa do original: “Algumas metáforas ponen en contacto dos dominios complejos y bastante estructurados, como ocurre en el caso anterior con el amor y los viajes, o las discusiones y las guerras [...]; otras proyecciones utilizan dominios más sencillos”.

pode ser igualada a conceitos [...]”<sup>9</sup>. Nesse sentido, traçam distinções a respeito da proposta convencional na linguística, que prevê a separação entre conceitos gramaticais e lexicais, que são, a partir de então, entendidos como um contínuo. Assim, as associações de significados vão além das palavras, visto que, inclusive, observando a própria estrutura sintática das sentenças, é possível perceber as formas de conceptualização que subjazem às escolhas comunicativas do falante/escrivente, ao optar por uma determinada estrutura linguística, ao invés de outra.

No que tange a essa complexa questão do que seja o significado, as correntes semânticas tradicionais buscavam estabelecer uma distinção rígida entre o chamado *significado linguístico* e o *significado enciclopédico*, sempre, dando preeminência ao primeiro, em seus estudos. A esse respeito, discutindo o terceiro ponto, a respeito da SC, Evans e Green (2006) tratam da representação enciclopédica do conhecimento. Compreendemos que tal abordagem busca desfazer a dicotomia linguístico *versus* enciclopédico, considerando, por sua vez, que o estabelecimento do significado não implica em isolar esses aspectos, estando, de um lado, as ocorrências linguísticas, e, de outro, as elaborações conceptuais humanas relacionadas com o mundo; ou seja, seria incoerente conceber, em uma proposta cognitivista, uma perspectiva analítica que aborde a “língua pela língua”. Desse modo, uma perspectiva holística é indispensável para a efetivação de quaisquer estudos semânticos cognitivistas. Retomando o clássico exemplo do conceito de *solteirão (bachelor)*<sup>10</sup>, citado por Lakoff (1987, p.70), os autores explicitam como, nos estudos em SC, já não se concebe, por exemplo, uma divisão tão rígida entre semântica e pragmática, visto que o significado de uma sentença é dependente do contexto.

Essa perspectiva, é, também, apontada por Valenzuela et al. (2012, p.49), visto que: “cada vez que utilizamos uma palavra ou expressão linguística é necessário invocar conhecimento do mundo de maneira ampla e flexível, e, muitas vezes, não necessitamos conhecer todo o significado linguístico de um conceito para poder utilizá-lo”<sup>11</sup>. Os autores ilustram tal dependência, com o exemplo do significado de “baleia”, geralmente

---

<sup>9</sup>Tradução nossa do original: “This principle asserts that language refers to concepts in the mind of the speaker rather than to objects in the external world. [...] semantic structure [...] can be equated with concepts” (Grifo das autoras).

<sup>10</sup> O exemplo foi, originalmente, citado por C. Fillmore, em obra de 1982.

<sup>11</sup> Tradução nossa do original: “(...) cada vez que utilizamos una palabra o expresión lingüística es necesario invocar conocimiento del mundo de manera amplia y flexible, y que muchas veces no necesitamos conocer todo el significado lingüístico de un concepto para poder utilizarlo”.

categorizado a partir dos conhecimentos enciclopédicos que sejam suficientes para compreendê-la como entidade no mundo, independentemente dos conhecimentos científicos aos quais se tenha acesso. Assim, ao conhecer o comportamento do animal em seu habitat, já será possível saber de qual animal se trata ao evocar “baleia”, ainda que não se tenha acesso a especificidades conceituais sobre o mesmo.

No quarto e último aspecto apontado por Evans e Green (2006), a respeito do estabelecimento do conhecimento como sendo a conceptualização, percebemos uma reflexão a respeito do experiencialismo. É necessário, no entanto, aqui, frisarmos que a categorização e a conceptualização dos conhecimentos do mundo se dão via *modelos cognitivos*, como propõe Lakoff (1987)<sup>12</sup>.

Mediante o exposto, observamos que os principais pressupostos da SC defendem o caráter motivado, não arbitrário, do signo; priorizam as análises da linguagem em uso; além de proporem uma abordagem mais holística dos dados, considerando tanto o conhecimento linguístico quanto o enciclopédico do falante na construção dos sentidos, advindos dos processamentos conceituais.

Schröder (2004) cita o linguista alemão Olaf Jäkel (2003), que sistematizou o que considerava como principais “teses” defendidas pela SC. Julgamos pertinente apontá-las como uma súmula dos pressupostos da SC, alguns deles já discutidos no presente subtópico: 1. TESE DA UBIQUIDADE: A metáfora não é uma exceção da criatividade poética ou da retórica. 2. TESE DO DOMÍNIO: Metáforas não podem ser vistas isoladas, mas conceitualmente. Tais conceitos interligam dois domínios (origem e destino). 3. TESE DO MODELO: Metáforas conceituais formam modelos cognitivos com estruturas da organização do conhecimento. 4. TESE DA DIACRONIA: Estudos sobre o desenvolvimento histórico de metáforas conceituais revelam mudanças de pensamento. 5. TESE DA UNIDIRECIONALIDADE: A relação entre o domínio de origem e o de destino não é reversível. 6. TESE DOS INVARIANTES: Os esquemas que são transferidos a um novo domínio não são modificados. 7. TESE DA NECESSIDADE: A metáfora tem três funções básicas: ela serve para a explicação, a compreensão e a exploração do mundo social. A sua base encontra-se em nossas experiências sensoriais e motoras. 8. TESE DA CRIATIVIDADE: A metáfora é aberta para inúmeros novos

---

<sup>12</sup> Vilela (1996), Feltes (2012) e Silva (1997) discutem a importância de considerar os modelos cognitivos na identificação dos significados.



caminhos de pensamento. 9. TESE DA FOCALIZAÇÃO: A descrição da metáfora é parcial. Ela destaca certos aspectos do domínio destinatário e esconde outros. (JÄKEL, 2003, p.40 apud SCHRÖDER, 2004, p.246)

Assim sendo, elaborar um estudo sob uma perspectiva cognitivista requer também do pesquisador um posicionamento interdisciplinar, visto que a compreensão mais efetiva dos diversos modelos cognitivos e culturais aos quais se tenha acesso incidirá sobre um volume significativo de informações, por vezes, não disponíveis de modo explícito no material linguístico considerado, como já o apontou Vilela (1996, p.325): “as línguas naturais fazem parte da cognição humana e como tal ligam-se a outros domínios e isto aponta para a necessidade de uma investigação interdisciplinar”.

Passemos, com o seguinte subtópico, a uma apresentação dos principais pressupostos advogados em SC sobre os fenômenos da categorização, já que foram estas discussões as que contribuíram significativamente para a revisão dos estudos cognitivistas, a partir dos anos finais das décadas de 1970 e 1980.

## **A CATEGORIZAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Na obra de 1987, *Women, fire, and dangerous things*, George Lakoff discute o caráter interdisciplinar das ciências cognitivas, ao elencar questões norteadoras de pesquisas então realizadas, a respeito do desenvolvimento da razão (raciocínio) e da mente humanas, especialmente, no que tange ao processo de categorização. Nesse sentido, traça um paralelo entre a visão tradicional de categorização, que compreende a razão como abstrata e descorporificada, e a proposta da LC, que percebe a razão como corporificada e diretamente relacionada às experiências vivenciadas no mundo.

Antes de tratar paulatinamente os pressupostos da nova teoria cognitiva, Lakoff (1987) apresenta as ideias da teoria clássica sobre a categorização, a fim de problematizar e desconstruir suas implicações filosóficas. Assim, por exemplo, critica a proposta gerativista, por assumir uma visão apriorística de categorização, e não partir de dados empíricos. Essa perspectiva, apesar de ser coerente com a proposta da semântica formal /clássica, não era adequada para a então recém-inaugurada semântica cognitivista.



Nesse sentido, Lakoff (1987) discute diversos resultados de estudos empíricos que mostram o que considera obsoleto nos estudos clássicos, ao revelarem efeitos prototípicos nas categorias linguísticas (morfologia, fonologia, sintaxe, sujeito, agente e tópico, orações de tipo básico), defendendo que a linguagem utiliza-se de mecanismos cognitivos gerais, relacionados à categorização, a partir do estabelecimento de protótipos. Desse modo, a preocupação lakoffiana é apontar quais elementos do nosso aparato cognitivo geral são utilizados pela linguagem, já que a categoria linguística revela muito sobre o processo de categorização em geral, criticando a ideia da linguagem enquanto um módulo independente da cognição.

A fim de contextualizar sua opção sobre o título da referida obra – traduzida para o português como *Mulheres, fogo e coisas perigosas* – George Lakoff explica que a motivação para o mesmo surgiu a partir dos resultados de um estudo de como se davam os processos de categorização das coisas do mundo, na língua Dyrbal, na qual as categorias *mulher*, *fogo* e *coisas perigosas* participavam de um mesmo conjunto de entidades (categoria *balan*).

Partindo dos resultados de suas investigações, Lakoff (1987) destaca que as pesquisas sobre a categorização ganharam maior impulso com os contributos de Eleanor Rosch, a partir da década de 70, ao apontar para a existência de membros exemplares (chamados *protótipos*) nas categorias, e que essas podem ser independentes das peculiaridades de alguns seres. A então denominada *Teoria do Protótipo*<sup>13</sup> mudou as formas de estabelecimento das categorias, já que as mesmas eram, de acordo com a perspectiva estruturalista, compreendidas como imanentes aos seres; a mente e a razão humanas não são mais entendidas como abstratas e descorporificadas (nem como um “computador”, analogia motivada pelos avanços tecnológicos da informática). Assim, Lakoff (1987) aponta que o conceito de razão tem implicações diretas sobre a forma de categorização.

De acordo com a visão tradicional, a forma de categorizar o mundo pautava-se no critério de partilhar ou não determinadas características, ou seja, cada membro precisa partilhar certas características (as chamadas *condições necessárias e suficientes*) para que seja de fato enquadrado em uma categoria. Em contrapartida, a nova proposta cognitiva

---

<sup>13</sup> A *Teoria do Protótipo* é uma das várias teorias em SC que discutem a categorização humana e os processos de estabelecimento dos significados.

lakoffiana propõe que se parta da noção de protótipo para especificar o pertencimento ou não de determinado membro nas categorias, a partir das chamadas *semelhanças de família*. Enquanto a visão tradicional pautava-se na orientação filosófica do objetivismo, a perspectiva cognitivista deixa de concentrar-se prioritariamente no aspecto linguístico, para então, focar nas formas de categorização humanas, defendendo que o pensamento é corporificado, imaginativo, possui propriedades gestálticas e é ecologicamente estruturado, portanto, não-atomístico. Em consequência, a estrutura conceptual pode ser representada por *modelos cognitivos*, buscando basear-se empiricamente, através de dados da língua em uso, para representar os fenômenos de categorização.

Nessa nova perspectiva, a experiência e a imaginação humanas andam juntas no processo de significação do mundo; por isso, não seria interessante analisar “componentes” da razão humana isoladamente, mas, sim, considerá-la como um todo. Este novo posicionamento difere, por exemplo, do pressuposto gerativista, segundo o qual a linguagem se constitui em um módulo independente na estrutura cognitiva, e, geralmente, as formas de categorização relacionam as coisas às entidades abstratas, em que as categorias são entendidas como “recipientes” dentro dos quais as “coisas” do mundo estão ou não estão, a depender das propriedades comuns, compartilhadas por todos os membros. Lakoff (1987), no entanto, através da nova visão filosófica, o chamado *realismo experiencialista* ou *experiencialismo* – segundo o qual razão e corpo estão imbricados no processo de categorização e não constituem duas instâncias isoladas – preocupa-se em compreender como as pessoas categorizam o mundo, a fim de entenderem a mente e a razão como muito mais do que um espelho, uma máquina ou um processador de símbolos. Nessa perspectiva, a categorização constitui-se em um fenômeno inconsciente, portanto, involuntário, de fundamental importância para a própria sobrevivência humana em suas relações sociais.

Assim, como precursora dos pressupostos da categorização, uma significativa contribuição do pensamento lakoffiano (1987) é o fato de defender que o estudo linguístico não deva se constituir como um fim em si mesmo, mas sim como um meio para se chegar às questões de ordem epistemológica e filosófica que influenciam na compreensão da própria experiência humana, através dos MCI's.

## **A TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS**

Lakoff (1987) apresenta o conceito de MCI's como sendo estruturas de significado por meio das quais os seres humanos organizam o conhecimento: "Cada MCI é um todo complexo estruturado, uma *gestalt*, que usa quatro tipos de estruturação: os mapeamentos proposicionais, os imago-esquemáticos, os metafóricos e os metonímicos". (LAKOFF, 1987, p.68)<sup>14</sup>. Ruiz de Mendonza Ibáñez (2000, p.355) ratifica esse conceito lakoffiano, ao propor que os MCI's correspondem a "estruturas de conhecimento estáveis na mente do ser humano, que obedecem a determinados princípios organizativos"<sup>15</sup>. Cienki (2007, p.176) aponta que essas estruturas são compreendidas como "idealizadas" na medida em que são resultados de constructos humanos mentais que são partilhados socialmente e independem de uma existência objetiva no mundo, de modo que "são propostos como uma forma de organizar o conhecimento, de acordo com certos princípios de estruturação cognitiva"<sup>16</sup>.

Evans (2007) enfatiza que o conceito lakoffiano de MCI corrobora a noção desenvolvida pela teoria do protótipo, visto serem os MCI's uma representação mental a respeito de algum aspecto do mundo, sendo que seu caráter idealizado repousa sobre o fato de que os mesmos são abstraídos a partir de experiências vivenciadas pelo ser humano, ao invés de representarem instâncias rígidas e específicas de tais experiências. Macedo (2008, p.34) propõe que tais estruturas são "organizadoras do conhecimento que provêm a base para a estruturação de categorias e para os efeitos de protótipos pertinentes às formas de conceber e organizar as coisas na nossa interação com o mundo". Macedo (2008, p.34) assim resume as funções conceptuais dos MCI's conforme propostos por Lakoff (1987):

Os MCI's são entendidos a partir do conceito de corporificação, constituindo-se, portanto, como uma forma de representação situada que emerge a partir da interação do sujeito cognoscente com o mundo, e porque incluem aspectos imaginativos da cognição, tais como a metáfora e a metonímia. O pensamento faz uso desses modelos presentes no sistema conceptual para orientar adequadamente a produção e a compreensão linguística.

---

<sup>14</sup> Tradução nossa do original: "Each ICM is a complex structures whole, a *gestals*, which uses four kinds of structuring principles: propositional, image-schematic, metaphoric and metonymic mappings".

<sup>15</sup> Tradução nossa do original: "estructuras de conocimiento estables en la mente del ser humano, que obedecen a determinados principios organizativos".

<sup>16</sup> Tradução nossa do original: "are proposed as a way in which we organize knowledge, according to certain cognitive structuring principles"

Silva (1997, p.77) compartilha a ideia lakoffiana de um MCI enquanto “um conhecimento individualmente idealizado, isto é, de um *modelo cognitivo*, e interindividualmente partilhado pelos membros de um grupo social, ou *modelo cultural*”. Desse modo, a significação e a estrutura de uma categoria conceitual dependem diretamente dos MCI’s então compartilhados sob a forma dos conhecimentos experienciados na ocasião do estabelecimento dos sentidos. Silva (1997) defende, nesse sentido, que determinados MCI’s são eminentemente culturais (como a noção das refeições em diferentes grupos sociais), ao se relacionarem mais diretamente aos conhecimentos enciclopédicos partilhados, como as crenças tradicionais, por exemplo.

Croft e Cruse (2008[2004]) retomam o conceito lakoffiano dos MCI’s, ilustrando-o a partir do exemplo clássico (aqui já citado, quando discutido por Evans e Green (2006)) do conceito de SOLTEIRÃO, e pontuam a necessidade primordial de, para o significado ser elaborado, o falante precisar acionar seus conhecimentos enciclopédicos que estão interconectados em sua mente, de modo que “o significado de uma palavra constitui, portanto, uma perspectiva de nosso conhecimento sobre o mundo, tal como manifesta o conceito perfilado pela respectiva palavra”. (CROFT; CRUSE, 2008, p.53)<sup>17</sup>. Desse modo, os autores defendem que a própria escolha vocabular já aponta para uma forma de conceptualização das relações existentes entre os conhecimentos de mundo do falante e sua experiência a ser comunicada.

Além do exemplo já citado, os autores tomam outro (posteriormente, também, discutido por Kövecses (2010)), sobre o conceito de MENTIRA, relacionando-o com a noção de prototipia, já que o mesmo pressupõe uma noção escalar de *mentira*, em contextos situacionais diversos, a exemplo das chamadas *mentira branca*, *mentira de cortesia*, que não podem ser categorizadas como sentenças verdadeiras, mas, no entanto, não são admitidas como *mentiras propositais* ou *deliberadas*, sendo o maior motivador para que se categorize uma sentença como sendo uma *mentira*. Assim, Croft e Cruse (2008[2004]) relacionam os MCI’s como parte constitutiva das formas de organização da estrutura conceptual.

Cabe destacarmos que a estrutura conceptual de um MCI, conforme sinaliza Evans (2007, p.104), pode ser organizada de várias formas, visto que “constituem corpos

---

<sup>17</sup> Tradução nossa do original: “el significado de una palabra constituye, por tanto, una perspectiva de nuestro conocimiento sobre el mundo, tal como pone de manifiesto el concepto perfilado por dicha palabra”.

coerentes de representação do conhecimento, [...] estes incluem o fato de serem organizados em virtude do esquema imagético, da metáfora e da metonímia”<sup>18</sup>.

Discutindo as implicações dos mapeamentos metafóricos, no âmbito dos distintos MCI's, Lakoff (2012 [1990]) relaciona essas projeções à *Hipótese da Invariância*, que, segundo o autor, corresponde a um princípio geral estruturador que permite uma melhor compreensão dos sistemas linguístico e conceptual. Desse modo, Lakoff (2012 [1990]) entende que a SC cumpre seu maior compromisso, ao descrever as relações atinentes à linguagem e à cognição, considerando as investigações sobre mente e corpo, a fim de obter mais claramente outras informações sobre o funcionamento das generalizações que se dão no âmbito conceptual, seja ele individual ou compartilhado, através dos MCI's.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado, os estudos linguísticos tradicionais entendiam a metáfora como um recurso retórico, geralmente, de uso circunscrito ao contexto literário, que possibilitava a geração de um significado novo a partir do que se podia tomar de outro já conhecido, semelhantemente ao que se faz em comparações diretas, de modo que a metáfora era analisada enquanto uma figura de linguagem ou uma estratégia para ornamentar a expressão linguística, recurso este a ser sobreposto ao sentido considerado “literal”.

Assim, as teorias que problematizavam a metáfora como sendo relevante para o estabelecimento do sentido tinham, desde enfoques referencialistas até descritivistas: o primeiro entendia a metáfora como comparação entre coisas – entre referentes –; enquanto o segundo, a perspectiva descritivista, apontava para a metáfora enquanto uma transferência de significados, em uma orientação mais pragmática, excluindo o referente e identificando-a a partir do então denominado “conflito semântico” (o sentido emerge justamente do que se constituía como diferença / oposição entre os significados).

No entanto, as discussões sobre os fenômenos linguísticos, a partir da perspectiva cognitivista, privilegiaram as operações cognitivas de projeção interdomínios no estabelecimento dos significados, o que traz uma contribuição muito relevante para os estudos semânticos, em geral.

---

<sup>18</sup> Tradução nossa do original: “constitute coherent bodies of knowledge representation, [...] these include being organized by virtue of the image schema, metaphor and metonymy”.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. O ser humano é um animal? E o que mais? Metáforas da Idade Média. In: DA HORA, Dermeval (et.al.) (Orgs). *Anais. XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)*. 14 a 18 de julho de 2014. João Pessoa: Ideia, 2014.

CIENKI, Alan. Frames, idealized cognitive models, and domains. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Eds.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p.170-185

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Linguística Cognitiva*. Trad. Antonio Benítez Burraco. Madrid: Ediciones Akal, 2008 [2004].

EVANS, Vyvyan. *A Glossary of Cognitive Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. Linguística cognitiva: origen, principios y tendencias. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. (Dirs.) *Linguística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p.13-38.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. 2.ed. New York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew. (Ed.) *Metaphor and thought*. 2.ed. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 202–251.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980. Tradução brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. ZANOTTO, Mara Sophia (coord. de tradução- Grupo GEIM). São Paulo: EDUC/ Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh*. Chicago: The University Chicago Press, 1999.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. Cognição e linguística. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto. *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: Educ; Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

RUIZ DE MENDONZA IBÁÑEZ, Francisco José. El modelo cognitivo idealizado de tamaño y la formación de aumentativos y diminutivos en español. In: *Revista española*

de *Linguística Aplicada*. Vol. Extra 1. 2000. p.355-374. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=876322>. Acesso em 23 abril 2015.

SCHRÖDER, Ulrike. Os precursores filosóficos da teoria cognitiva das metáforas. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. v.46, n.2 Campinas: Jul./Dez.2004. p.243-252. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1572/1146>. Acesso em 16 abril 2015.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*. V.1, n.1-2, 1997. p.59-101. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2755969>. Acesso 17 abril 2015.

SILVA, Eliane Santos Leite da; ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. Metáforas do trabalho em textos do *Facebook*. In: DA HORA, Dermeval; et.al. (Orgs). *Anais. XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)*. 14 a 18 de julho de 2014. João Pessoa: Ideia, 2014.

VALENZUELA, Javier; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; HILFERTY, Joseph. La semântica cognitiva. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. (Dir.) *Linguística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 41-68.

VILELA, Mário. A metáfora na instauração da linguagem: teoria e aplicação. In: *Línguas e Literaturas*. Revista da Faculdade de Letras. Porto, XIII, 1996, p.317-356. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2741.pdf> Acesso 05 fev.2015